

**INTRODUÇÃO PRECOCE DE ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS NA
PRIMEIRA INFÂNCIA**

**EARLY INTRODUCTION OF PROCESSED FOODS IN EARLY
CHILDHOOD**

Ana Paula De Araujo Borges
Andreia Dos Matos Ananias
Joice Assis Da Silva
Matheus Sobral Silveira

RESUMO

O consumo de alimentos processados entre os adultos aumentou nos últimos anos, esse aumento vem conseqüentemente entre as crianças também. A ingestão destes alimentos implica diretamente na saúde, principalmente na introdução alimentar onde a oferta deve ser completa nutricionalmente para atender as necessidades fisiológicas da criança. Este artigo teve como objetivo, por meio de uma revisão da literatura científica, verificar nas bases de dados, trabalhos que evidenciam os impactos na saúde com a introdução precoce de alimentos industrializados na primeira infância. Trata-se de uma revisão da literatura científica dos últimos dez anos em relação ao tema proposto. Destaca-se que as práticas alimentares na primeira infância estão inadequadas frente às recomendações atuais da Organização Mundial da Saúde e do Ministério da Saúde. Percebeu-se que as mães ainda são leigas de informações em relação ao momento certo da introdução complementar e os alimentos que devem ser ofertados nessa alimentação. Dos vários artigos estudados foi visto que a introdução de líquidos antes mesmo de completar os seis meses de vida da criança e como recomenda a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi preocupante. A prática alimentar inadequada associada à introdução precoce de alimentos industrializados na primeira infância podem trazer prejuízos na saúde das crianças. Desta forma, também fica evidente a importância dos profissionais de saúde, em especial os nutricionistas, os quais são capacitados para direcionar os pais e cuidadores sobre a necessidade de uma introdução alimentar adequada, a fim de promover a melhoria da saúde a curto e longo prazo.

Palavras-chave: Primeira infância; Industrializados; Saúde.

ABSTRACT

The consumption of processed foods among adults has increased in recent years, this increase is consequently also among children. The intake of these foods directly affects health, especially in the introduction of food where the offer must be nutritionally complete to meet the physiological needs of the child. This article aimed, through a review of the scientific literature, to verify in the databases works that show the impacts on health with the early introduction of processed foods in early childhood. This is a review of the scientific literature of the last ten years in relation to the proposed theme. It is noteworthy that eating practices in early childhood are inadequate in view of the current recommendations of the World Health Organization and the Ministry of Health. It was noticed that mothers are still lay people with information regarding the right time for the complementary introduction and the foods that should be offered in this diet. From the various articles studied, it was seen that the introduction of liquids even before completing the child's six months of life and as recommended by the World Health Organization (WHO) was worrying. Inappropriate eating habits associated with the early introduction of processed foods in early childhood can harm children's health. Thus, it is also evident the importance of health professionals, especially nutritionists, who are trained to guide parents and caregivers on the need for an adequate food introduction, in order to promote health improvement in the short and long term.

Keywords: Early childhood; Industrialized; Health

1. INTRODUÇÃO

A infância é subdividida em três fases, primeira, segunda e terceira infância, e cada uma com suas especificidades. A primeira infância é classificada do nascimento aos três anos de idade (GONÇALVES, 2016).

O consumo de alimentos processados entre os adultos aumentou nos últimos anos, esse aumento vem consequentemente entre as crianças também. O consumo destes alimentos implica diretamente na saúde, principalmente na introdução alimentar onde a oferta deve ser completa nutricionalmente para atender as necessidades fisiológicas da criança (SILVA E NETTO; 2018).

Santos e colaboradores (2019), ressaltam que países emergentes como Brasil o comportamento alimentar inadequado com grande consumo de alimentos processados vem aumentando, confirmando a substituição de alimentos in natura por preparações a base de produtos industrializados. Tal comportamento principalmente no padrão

alimentar na primeira infância pode trazer prejuízos a saúde, aumentando os riscos de desenvolver doenças crônicas e riscos nutricionais (HEITOR *et al.*, 2011).

Toloni e colaboradores (2011), reforçam que a conscientização sobre a idade correta de iniciar a introdução alimentar que é a partir dos 6 meses de vida e com presença dos sinais de prontidão e a necessidade de evitar a oferta de alimentos processados. Desmitificando comportamentos culturais que envolve o processo de alimentação.

Em estudo, autores referem que a maioria das mães confirmam a prática da introdução de alimentos industrializados antes da idade recomendada (24 meses), o que traz uma grande insatisfação, pois nessa primeira fase seguinte ao aleitamento materno é de grande importância para o fortalecimento dos hábitos alimentares saudáveis que irão se concretizar ao longo da vida (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

A ingestão de alimentos industrializados pelas crianças bem como a fixação e estímulo deste padrão alimentar, corroboram para que, na vida adulta ou ainda mesmo na fase infantil surjam doenças crônicas não transmissíveis devido ao excesso de açúcar, gordura ou aditivos alimentares que compõe estes alimentos (TAGLIETTI *et al.*, 2014).

O exagero de açúcares ou gorduras como ingredientes principais em alimentos ultraprocessados fazem com que eles sejam, ao mesmo tempo, demasiadamente ricos em gorduras e açúcares. Para prolongar a duração dos produtos e torná-lo saboroso, até mesmo para disfarçar sabores de substâncias adicionadas, acrescentam-se grandes quantidades de sal, tornando o produto com alto teor de sódio (BRASIL, 2014).

Acredita-se que certas condutas direcionadas pelos pais e responsáveis quanto a uma disciplina alimentar saudável e adequada se faz necessário desde a introdução alimentar na infância pois através dessas atitudes, seus filhos irão seguir seus hábitos (APARICIO, 2016).

Observa-se que a falta do conhecimento pelas nutrizes na primeira introdução alimentar, pode ser revertida com o tempo ao ter conhecimento básicos sobre alimentação saudável (SOMBRA, 2017).

Entende-se a importância de profissionais na área da saúde com conhecimento em alimentação para suporte em escolas quanto a melhora dos hábitos alimentares. Tendo assim crianças mais saudáveis e sem risco de comorbidades futuras (SOUZA *et al.*, 2018).

Este artigo teve como objetivo, por meio de uma revisão da literatura científica, verificar nas bases de dados, trabalhos que evidenciam os impactos na saúde com a introdução precoce de alimentos industrializados na primeira infância.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão da literatura do tipo narrativa, visando disponibilizar uma síntese das evidências relacionadas à temática, por meio da busca, análise e integração da informação selecionada. Foram utilizados artigos publicados e indexados nas bases de dados: Scientific Electronic Library Online -SciELO, e do Caribe em Ciências da Saúde -Lilacs e National Center for Biotechnology Information - NCBI (PUBMED). Os critérios de seleção dos artigos foram: artigos em português publicados nos últimos dez anos (2011-2021). Os descritores usados foram: “primeira infância”, “introdução alimentar”, “alimentos processados”, “aleitamento materno”, e “nutrição infantil”.

Como critério de inclusão foram utilizados os artigos originais relacionados com os riscos a saúde na introdução precoce de alimentos industrializados na primeira infância.

Os critérios de exclusão de artigos compreenderam: artigos de revisão não disponíveis na versão completa, comunicações breves e artigos não concernentes à exposição da primeira infância de alimentos industrializados e que não se referissem aos critérios definidos para inclusão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados e selecionados, artigos que cumpriram os critérios para inclusão, dos estudos selecionados totalizando 09 artigos. Em seguida, foi realizada a extração dos dados, no qual foi descrito no Quadro 1.

Quadro 1 – Apresentação dos artigos (Pubmed, Google Acadêmico, LILACS e SciELO) estudos relacionados a introdução precoce de alimentos industrializados na primeira infância, nos anos de 2011 a 2021.

Autor (es)	Ano de Publicação	Amostra do Estudo	Objetivos	Conclusão
TOLONI <i>et al</i>	2014	366 (Crianças de 9 a 36 meses)	Analisar a introdução de queijo <i>petit suisse</i> e macarrão instantâneo em crianças (de 9 a 36 meses) em berçários	Acredita-se que a introdução desses dois alimentos são inadequados para o consumo de lactantes. Produtos obesogênicos podendo

			creches públicas em Santo Amaro da cidade de São Paulo.	relacionar-se com predisposição para obesidade e doenças crônicas não transmissíveis como diabetes, hipertensão arterial e doenças cardiovasculares.
SILVA <i>et al</i>	2015	636 (Crianças de 0 a 36 meses)	Analisar a introdução de bebidas industrializadas como refrigerantes, sucos industrializados e natural em crianças de 0 a 36 meses, em 8 diferentes berçários de creches públicas de São Paulo.	Evidencia-se a introdução precoce de refrigerantes e sucos industrializados e natural, sugerindo estratégias para educação nutricional, e a formação de hábitos alimentares mais saudáveis para evitar tanto o sobrepeso no futuro como doenças crônicas.
MARINHO <i>et al</i>	2016	218 (Crianças de 6 a 24 meses)	Analisar a situação da alimentação complementar de crianças entre 6-24 meses assistidas na Rede de Atenção Básica do município de Macaé/RJ.	Observou-se um consumo de alimentos marcadores de alimentação complementar saudável próximo à meta proposta pelo Ministério da Saúde. Apesar do consumo relevante de alimentos marcadores de alimentação não saudável em crianças de 6-24 meses no município de Macaé, ele se encontra abaixo do descrito em outros estudos. No entanto, o consumo desses marcadores se mostrou ascendente, dos 6-12 meses até os 18-24 meses de vida do lactente, podendo atingir, futuramente, cifras preocupantes em pré-escolares e escolares.
GIESTA <i>et al</i>	2017	300 (Crianças de 4 a 24 meses)	Verificar a associação entre fatores maternos e antropométricos e o consumo de alimentos ultraprocessados em crianças de 4 a 24 meses de idade.	Destaca-se que as práticas alimentares de crianças entre 4 e 24 meses estão inadequadas frente às recomendações atuais da Organização Mundial da Saúde e do Ministério da Saúde. Neste sentido, os profissionais de saúde devem estar atentos a estas práticas para serem capazes de adequar as ações de promoção aos contextos sociodemográficos e culturais da população assistida, a fim de propiciar às mães oportunidades de

				adquirir conhecimentos e habilidades sobre alimentação infantil.
SOMBRA <i>et al</i>	2017	60 (Mães e as crianças de 4 a 36 meses)	Analisar a introdução da alimentação complementar e a ingestão de alimentos industrializados em crianças menores de três anos em duas escolas privadas.	Percebeu-se que as mães ainda são leigas de informações e orientações em relação ao momento certo da introdução complementar e aos alimentos que devem ser ofertados nessa alimentação.
TOLONI <i>et al</i>	2017	575 (Crianças de 4 a 38 meses)	Avaliar a idade de introdução de alimentos industrializados na dieta de 575 crianças de 4 a 38 meses, frequentadoras de berçários de creches públicas de São Paulo, bem como quantificar eventuais mudanças temporais e fatores de risco da introdução precoce destes alimentos.	Conclui-se a necessidade de capacitação de mães/educadores em alimentação infantil, reforçando os benefícios do aleitamento materno e os malefício da introdução precoce dos alimentos industrializados, principalmente no grupo de mães com menor escolaridade.
LOPES <i>et al</i>	2018	545 (Crianças de 0 a 24 meses)	Avaliar a frequência do aleitamento materno junta a introdução de líquidos, mel, açúcares e guloseimas em crianças de 0 a 24 meses.	Verificou-se na introdução alimentar complementar que a oferta precoce desses alimentos pode causar dificuldades na continuação do aleitamento materno prejudicando sua continuidade.
OLIVEIRA <i>et al</i>	2018	52 (Crianças de 6 meses a menores de 2 anos)	Neste estudo o objetivo foi identificar os alimentos complementares ofertados pelas mães que amamentam em uma Unidade Básica de Saúde da Família de acordo com o preconizado pelo Ministério da Saúde, bem como estabelecer a relação de risco para sobrepeso/obesidade nessas crianças.	Conclui-se a prevalência de consumo alimentar não adequado foi mais visível na população menor de 01 ano. Os alimentos não adequados mais consumidos pela população foram o leite em pó e líquido de vaca, mingaus, refrigerantes, biscoitos recheados e salgadinhos. Essa alimentação, aliada à baixa escolaridade materna das mães e àquelas que trabalham fora de casa, mostraram-se como fatores para o

				risco de desenvolvimento do sobrepeso/obesidade.
ASSUMPCÃO <i>et al</i>	2020	24 (pais/ responsáveis)	O objetivo deste trabalho foi avaliar a alimentação na primeira infância, de crianças menores de dois anos de idade assistidas na Unidade Básica de Saúde Santa Cecília, no município de Bagé/RS,	Acredita-se que a alimentação infantil deve ser sempre acompanhada e orientada, foi observado que algumas crianças realizam uma alimentação saudável. Sabe-se que na infância, adquire-se hábitos que serão importantes para a vida adulta e a motivação para o cuidado com a prevenção de doenças é de suma importância. Sugere-se que, todas as crianças sejam orientadas sobre a alimentação saudável de preferência por um profissional da nutrição.

Aponta-se por Toloni *et al.*, (2014) o estudo em berçário de 7 creches públicas filantrópicas que faz parte do projeto Crecheficiente para trabalharem na saúde e nutrição de lactantes com 366 crianças observando a prevalência de 53% sexo masculino e a faixa etária das mães de 20 a 35 anos. Foi observado o consumo de petit suisse e macarrão instantâneo por 89,6% e 65,3% ainda no primeiro ano de vida. Conclui-se que é grande a oferta destes alimentos em lactantes urbanos por famílias de baixa renda, sendo necessário orientações nutricionais tanto para os pais, responsáveis, educadores tendo em vista a não utilização destes produtos industrializados.

Identifica-se por Silva *et al.*, (2015) o estudo teve com base um berçário creche publica da cidade de São Paulo, sendo coletado dados de 636 crianças de zero a 36 meses de vida, verificou-se que de zero a 6 meses 7,4% a oferta de refrigerantes e 14,3% de sucos industrializados antes do sexto mês de vida sendo um prejuízo para a saúde futura, e aos 7 meses a 12 meses teve a oferta de refrigerantes 53,8% e 62,9% de sucos industrializados e dos 12 meses 90,4% teve oferta de refrigerantes e 91,8% de sucos industrializados. Acrescenta-se assim a necessidade de conscientização de hábitos alimentares tanto para as mães como também aos funcionários do berçário creche.

Pesquisa realizada por Marinho *et al.*, (2016) que utilizou os dados da base do Sisvan web do ano de 2013, registros de crianças entre 6 e 24 meses do município de Macaé assistidos na Rede de Atenção Básica. Resultados encontrados que os marcadores

de alimentação complementar saudável estavam próximo à meta proposta pelo Ministério da Saúde. Mesmo os marcadores da alimentação não saudável estando em abaixo do descrito os dados encontrados mostraram ascendente, trazendo uma preocupação futura. Ressaltando que a orientação de não ofertar alimentos industrializados na primeira infância traz benefícios ao longo prazo da saúde dos mesmos.

Observa-se por Giesta *et al.*, (2017) que os achados apontam que a oferta de alimentos industrializados vem sendo prática antes dos dois primeiros anos de vida da criança, e até mesmo antes dos seis meses, quando estas deveriam ainda estar em aleitamento materno exclusivo, apesar de 62,6% terem recebido orientação de profissionais de saúde. Os resultados encontrados são preocupantes pois, os alimentos processados e ultraprocessados (AUP) vem sendo introduzidos cada vez mais frequente de forma precoce, trazendo preocupação significantes considerando que os 2 primeiros anos de vida são sensíveis a fatores metabólicos os quais podem trazer consequências a curto e longo prazo na saúde da criança estendendo-se até a idade adulta.

Identifica-se através de Sombra *et al.*, (2017) que a introdução de alimentos industrializados na maioria dos casos em crianças com menos de 1 ano de idade (75%), tem influência de vários fatores como a praticidade, já que a maioria das mães voltam a trabalhar, a falta de conhecimento da importância do leite materno, assim como a falta de orientação profissional adequada. A oferta desses alimentos no primeiro ano de vida, leva a um padrão alimentar inadequado trazendo consequências com o passar do tempo impactando diretamente na saúde das crianças como anemia ferropriva devido a oferta de líquidos e sólidos que interferem na absorção do ferro.

Segundo estudo realizado por Toloni *et al.*, (2017) das 575 crianças estudadas, 55,7% eram do sexo masculino, a média de idade foi de 22 meses, sendo que 8,8% encontravam-se no seu primeiro ano de vida, 48,4% no seu segundo ano de vida e 42,8% no terceiro ano de vida. O consumo de alimentos industrializados como macarrão instantâneo, pirulito, bolacha recheada, açúcares, salgadinhos, mel entre outros. Ao ofertar esses alimentos ocorre muitos malefícios para a saúde na infância e também tendo a baixa ingestão de frutas, verduras, legumes, cereais e além do abandona ao leite materno. Mais uma vez assim sendo necessário uma orientação aos pais e responsáveis quanto a introdução alimentar saudável.

Verifica-se por Lopes *et al.*, (2018) que o estudo realizado na cidade de Montes Claros/MG através de coleta de dados com questionário para pais e responsáveis sobre o

consumo alimentar em crianças menores de 24 meses. O consumo de alimentos afeta a aceitação do leite materno e conseqüentemente a saúde da criança em curto e longo prazo havendo a necessidade de melhorias em serviços de materno-infantil. Através dos profissionais da saúde as famílias podem se capacitar ao conhecimento dos alimentos ingeridos pelas crianças no primeiro ano de vida reforçando assim a importância do aleitamento materno.

Estudo no Nordeste brasileiro, com 52 crianças em uma Unidade Básica de Saúde com base em respostas das perguntas em entrevistas com as mães a fim de identificar o perfil alimentar de crianças menores de dois anos, classificando os alimentos como “adequado e não adequado”. Tendo resultados de que os maiores de 1 ano, (3,3%) estava em aleitamento complementar, já os menores de 1 ano (n=22/100%) faziam uso de mingau e 20 (90,9%) haviam consumido alimentos ultraprocessados como refrigerantes, mingau, salgadinhos e biscoitos. Constatando que a alimentação inadequada foi de maior prevalência nos menores de um ano. Ressaltando que a introdução desses alimentos insinua o risco elevado de fatores para o desenvolvimento do sobrepeso ou obesidade (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Pesquisa realizada em Unidade Básica de Saúde, na cidade de Santa Cecília de Bagé/RS com base no inquérito alimentar em entrevista com 24 pais de crianças menores de 2 anos de idade, com intuito de avaliar a alimentação oferecida na primeira infância, observou-se que o grau de conhecimento dos pais e a renda tem influência direta na alimentação infantil, pais com grau de ensino maior mostrou que a alimentação é influenciada de forma positiva, e o tempo de duração do aleitamento materno exclusivo correto é outro fator positivo na saúde das crianças (ASSUMPCÃO *et al.*, 2020).

4. CONCLUSÃO

Os trabalhos já publicados confirmam tanto a superioridade do leite materno quanto a duração do aleitamento como fator positivo. Entretanto, a prática alimentar inadequada associada à introdução precoce de alimentos industrializados na primeira infância trazem prejuízos na saúde da criança. Como desenvolvimento da obesidade infantil, há o risco elevado do surgimento de doenças crônicas na fase adulta como hipertensão arterial e diabetes mellitus que atualmente mostra-se um problema de saúde pública, já que são doenças que em sua maioria poderiam ser evitadas com estilo de vida

e práticas saudáveis. Desta forma, também fica evidente a importância dos profissionais de saúde e educadores, em especial os nutricionistas, os quais são capacitados para direcionar os pais e cuidadores sobre a necessidade de uma introdução alimentar adequada, afim de promover a melhoria da saúde a curto e longo prazo. Percebe-se que pais e cuidadores com níveis de renda e escolaridade baixa tendem a ofertar alimentos inadequados. Cabe aos nutricionistas informar, orientar e capacitar este público para auxiliar nas escolhas dos hábitos alimentares.

REFERÊNCIAS

APARÍCIO, G., Ajudar a desenvolver hábitos alimentares saudáveis na infância. **Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health**, n. 38, p. 283-298, 2016. [file:///C:/Users/anap/Downloads/8263-Article%20Text-23420-1-10-20160204%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/anap/Downloads/8263-Article%20Text-23420-1-10-20160204%20(1).pdf). Acesso em 06 de abril de 2021

ASSUMPÇÃO. M.M , et al. Alimentação na primeira infância, **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 9, n. 3, 14 fev. 2020. Disponível em : <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/86267> Acesso em 10 de maio de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde Departamento Atenção Básica**. Guia alimentar para população brasileira. Brasília, DF, 2014. Disponível em: [Guia alimentar para a população brasileira \(saude.gov.br\)](http://www.saude.gov.br/guia-alimentar). Acesso em 06 de abril de 2021.

GIESTA J.M, et al, Fatores associados à introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v 24, n 7, p. 2387-2397, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2019.v24n7/2387-2397//> Acesso em 02 de abril de 2021.

GONÇALVES. J.P, Início, Desenvolvimento e Fim da Vida Humana Possíveis – Contribuições Para Educadores, **REVISTA CONTEXTO & EDUCAÇÃO**, jan./abr. 2016, v.31, n. 98, p. 79-110. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/5469>. Acesso em 05 de abril de 2021.

HEITOR.S.F. D, RODRIGUES.L. R, SANTIAGO. L.B. Introdução de alimentos supérfluos no primeiro ano de vida e as repercussões nutricionais, **Ciência Cuidado Saude**,2011 Jul/Set; v.10, n.3, p430-436. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/11347>. Acesso em: 28 de março de 2021.

LOPES, W. C., et al., Alimentação de crianças nos primeiros dois anos de vida. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 36, n. 2, p. 164-170, 2018. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-05822018000200164&script=sci_arttext. Acesso em 18 de maio de 2021.

MARINHO.L.M. F, et al. Situação da alimentação complementar de crianças entre 6 e 24 meses assistidas na Rede de Atenção Básica de Saúde de Macaé, RJ, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, n.21, v.3, p977-986, 2016. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232016000300977&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em 10 de maio de 2021.

OLIVEIRA, R.A.M. et al. Aleitamento Materno Exclusivo e introdução de alimentos industrializados nos primeiros dois anos de vida. **Multitemas, Campo Grande**, MS v. 23, p. 47-64, 2018. Disponível em:

<https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/1579/1518>. Acesso em: abril de 2021.

OLIVEIRA. E. S, et al. Alimentação complementar de lactentes atendidos em uma unidade básica de saúde da família no nordeste brasileiro, **Revista Cogitare Enfermagem** . n.23, v.1, e. 51220, 2018. Disponível em :

<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/51220/pdf> Acesso em 10 de maio de 2021.

SANTOS. G.M, et-al. Verificação de aditivos em alimentos industrializados destinados ao público infantil, **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, São Paulo. v. 13. n. 83. Suplementar 1. p.1016-1022. Jan./dez. 2019. Disponível em : <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/1090>. Acesso em 27 de março de 2021.

SILVA, L.G. et al. Introdução de refrigerantes e sucos industrializados na dieta de lactentes que frequentam creches públicas. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 33, n. 1, p. 34-41, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-05822015000100034&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 15 de maio de 2021.

SILVA. J.C.P, NETTO. M.P; Papinhas industrializadas na introdução alimentar de lactentes e suas características, **Nutrição Brasil**. 2018. v.17, n.2, p.127-135. Disponível em: <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/nutricaoobrasil/article/view/1072>. Acesso em 27 de março de 2021.

SOUZA, E., et al., Análise de lanches consumidos por pré-escolares e escolares participantes de um programa bilíngue de uma instituição de ensino particular. **Nutrição Brasil**, v. 17, n. 2, p. 88-96, 2018. Disponível em: <http://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/nutricaoobrasil/article/view/664>. Acesso em 07 de abril de 2021.

SOMBRA, P. V. et al. Alimentação complementar e ingestão de alimentos industrializados em crianças menores de três anos. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 5, n. 3, p. 45-51,2017. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/3957. Acesso em 06 de abril de 2021.

TAGLIETTI, R.L et al. Práticas alimentares nos dois primeiros anos de vida: presença de vulnerabilidade em saúde. **Scientia Medica**, v. 24, n. 1, p. 39-45, 2014. Disponível em: [Scientia Medica \(puhrs.br\)](http://www.scienciaeditora.com.br/index.php/scientia/article/view/1072) Acesso em: Abril de 2021.

TOLONI M. H. A. et al, Introdução de alimentos industrializados e de alimentos de uso tradicional na dieta de crianças de creches públicas no município de São Paulo, **Revista de Nutrição**, Campinas, v.24, n. 1, p.61-70, jan./fev., 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141552732011000100006&script=sci_arttext . Acesso em 30 de março de 2021.

TOLONI, M. H. A. et al., Consumo de alimentos industrializados por lactentes matriculados em creches. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 32, n. 1, p. 37-42, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-05822014000100037&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em 16 de maio de 2021.